



**USP**

**Universidade de São Paulo**  
B R A S I L

**TÚLIO DE ALMEIDA BELO**  
**Nº USP 6806906**

**PASSAGENS E CONTRIBUIÇÕES**  
**Uma análise dos seminários apresentados em aula**

**ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**  
São Paulo, 30 de junho de 2014



**USP**

**Universidade de São Paulo**  
B R A S I L

## INTRO

Os seminários, de uma maneira geral, contemplavam temas muito ricos e propiciaram discussões muito interessantes dentro da sala de aula.

Aqui, farei um breve relato de algumas apresentações e pontos específicos que me impressionaram “à primeira vista” e me fizeram ter a curiosidade de buscar mais informações neste segundo momento.

## COLONIALISMO, PERIFERIA, ALTERIDADE, TRIBALISMO E HIBRIDISMO

Na apresentação sobre “colonialismo, periferia, alteridade, tribalismo e hibridismo”, por exemplo, assistimos algumas referências que me propiciaram um “estalo” para alguns temas sobre os quais não havia voltado a atenção.

A primeira delas, é um exemplo inquietante de aplicação da alteridade apresentado pela nigeriana, Chimamanda Adichie. O relato de como construímos e somos levados a acreditar nas chamadas “histórias únicas”, exemplificado a partir estereótipo do continente africano, é realmente certo.

Outra referência, que reforça o mesmo ponto a partir de outra perspectiva, é o documentário “Arabland” – que apresenta o perturbador histórico de construção (ou desconstrução) da imagem do povo árabe nos filmes de Hollywood – aqui como relato pessoal, o que mais impressionou foi a referência da trilha de abertura do filme Alladin, com uma letra totalmente preconceituosa, além da pertinente comparação desta construção às técnicas utilizadas propagandas nazistas.

Aqui, conseguimos traçar um forte paralelo com o Brasil e a imagem do país que é constantemente reciclada e reutilizada lá fora. Um exemplo mais que atual é o clipe da música tema da FIFA para a Copa do Mundo de 2014, protagonizado pela brasileira Claudia Leita, a “latina” Jennifer Lopez e o artista pop “Pitbull” (assista aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=TGtWWb9emYI>). O vídeo, hoje com mais de 150 milhões de visualizações é um festival de estereótipos: temos capoeira, mulheres, futebol, carnaval, Olodum e todo o “kit Brasil” todos juntos incrivelmente encaixados em uma única cena. Vale conferir.

## A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

*“[...] o encontro infeliz, quase fortuito, do gigantesco aparelho técnico de difusão de imagens e da gigantesca propensão dos homens da nossa época ao pseudo-sensacional. Assim, o espetáculo surge devido ao fato do homem moderno ser demasiado espectador. Boorstin não compreende que a proliferação dos “pseudo-acontecimentos” pré-fabricados que ele denuncia deriva deste simples fato: que os próprios homens, na realidade concreta da atual vida social, não vivem os acontecimentos.”*

**Guy Debord, A Sociedade do Espetáculo**

É impressionante. Ao se deparar com trechos do livro “A sociedade do Espetáculo” de Guy Debord, é impossível não se surpreender com a atualidade dos textos do autor francês. O livro, que foi publicado em 1967, parece ser, em muitos momentos, uma descrição exata da sociedade atual - mais especificamente da sociedade representada pela chamada rede social. No trecho escolhido acima, por exemplo, se substituíssemos o “gigantesco aparelho técnico de difusão de imagens” por “Facebook” ou “Instagram” e alterássemos o nome do estudioso citado (Boorstin) por qualquer pesquisador contemporâneo, teríamos uma definição muito pertinente do mundo em que vivemos.

E é assim durante todo o livro. Em vários momentos, este cruzamento geracional e feito de maneira natural, sem que consigamos definir a época a qual estamos nos referindo. Será um mero acaso? Ou estamos “reciclando” o nosso espetáculo ao longo do tempo e através de tecnologias?

## **O FEMINISMO, OS ESTUDOS CULTURAIS E OUTROS CAMPOS DA CRÍTICA.**

Em um tempo onde as discussões de gênero ganham cada vez mais força, foi muito interessante ter a oportunidade de conhecer as idéias da filósofa Judith Butler.

Defensora de posições extremas, a pesquisadora americana, despertou um ponto muito interessante (para mim) acerca desta luta histórica entre gêneros: a contradição da luta pelos direitos iguais,

Esta contradição se dá a partir do momento em que a diferença, busca o enquadramento em uma regência social pré-estabelecida e construída de forma restritiva – como a luta pelo direito ao casamento, por exemplo. Por que não questionar este modelo ao invés de brigar para se encaixar no sistema?

Aqui, como contribuição, imagino que esta discussão, na verdade, se prolonga por outras esferas – inclusive jurídicas. Porém, a considero como um possível caminho ideal de uma sociedade com mais aptidão às diferenças e alinhada ao mundo contemporâneo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta análise teve por objetivo ajudar a construir algumas questões de destaque, a partir de comentários e contribuições aos pensamentos apresentados em seminário.